TL 257

**SUPLEMENTO AO MC nº 12: Timor-Leste**

# A AMIZADE ENTRE PORTUGAL E A INDONÉSIA OU O CONLUIO DE INTERESSES PARA MINAR A SOLIDARIEDADE COM O POVO TIMORENSE E ATÉ TAMBÉM COM O PRÓPRIO POVO INDONÉSIO

A comunicação social tem-se feito eco, nos últimos meses, de uma iniciativa de cidadãos portugueses no sentido de ser criada uma Associação de Amizade Portugal-Indonésia.

Acharíamos muito bem que se criasse uma tal associação se ela viesse promover, de facto, a amizade entre o Povo Português e o Povo indonésio. mas as afirmações e as propostas que os promotores da iniciativa têm feito mostram claramente que o objectivo não é esse mas, tão somente, o de minar a posição de Portugal como defensor do direito à autodeterminação de Timor-Leste e de servir os interesses da ditadura Indonésia, a troco de benefícios económicos para os seu agentes em Portugal.

Com efeito, em 13 de Agosto o jornal Público transcrevia uma carta do General Galvão de Melo em que faz sua a afirmação de que Timor só tem ganho desde que está ligado à Indonésia. E, para confirmar a sua afirmação, compara o número de escolas que haveria em 1974 com o de hoje, o número de quilómetros de estradas asfaltadas, etc. Porque será que esqueceu de falar do número de timorenses vivos em Timor antes e depois da invasão?. Será que à Associação de Amizade só interessam os valores económicos com total desprezo pelos valores humanos e nomeadamente pelo Povo Timorense?

É que não se pode confundir Timor, território, com Timor, nação. O ocupante investe na terra que ocupa enquanto dela despoja os legítimos donos. Destrói Timor como Nação, porque uma nação não é só um território mas é principalmente o Povo que nela habita e que aí se reconhece, a si próprio e à sua história.

De facto o povo timorense sofreu um autêntico genocídio, como se pode ver pelo gráfico 1.

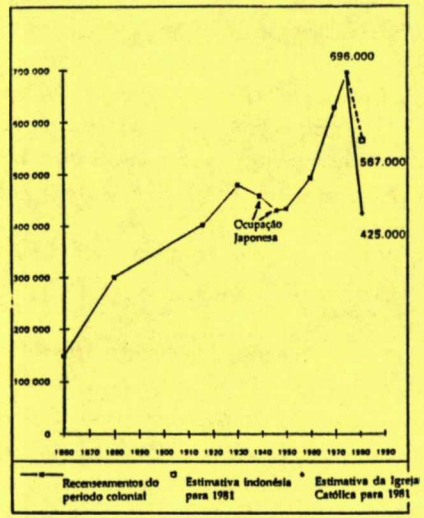


Gráfico 1 - Evolução da População de timor Leste: 1860-1981 (Segundo Gabriel Defert, especialista francês em assuntos da indonésia e de timor).

As suas culturas- quer a cultura espiritual quer culturas agrícolas- foram destruidas e até os seus principais bens e lugares de culto, casas, aldeias e gado sofreram o quase completo aniquilamento. O gráfico 2 mostra como, ao fim de quatro anos de ocupação indonésia, o gado timorense, com cerca de um milhão de cabeças em 1973, ficou reduzido a pouco mais de um décimo do que era antes da invasão!.

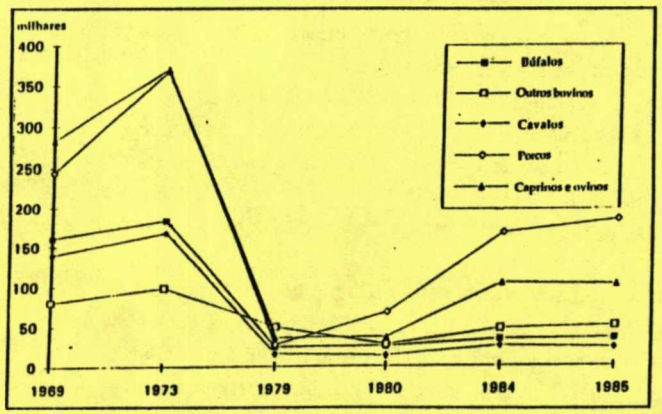


Grafico 2 - Gado existente em Timor-Leste. (Segundo dados publicados pelo parlamento Australiano e retomados por Gabriel Defert).

Em entrevista publicada no expresso de 4 de Setembro, o industrial Manuel macedo afirma que "*é um absurdo o que andam para aí a dizer sobre o atropelo dos direitos humanos em Timor Leste. Acabei agora de chegar de uma visita ao território e não vi vestigios de repressão*".

Como gostaríamos de concordar com Manuel Macedo! Mas se isso fosse verdade, porque terá permanecido Timor Leste tantos anos vedado, e ainda hoje continua fechado a muitas organizações internacionais de auxílio humanitário, a tantos jornalistas independentes que quiseram e querem lá ir, e até a delegações do Parlamento Europeu, do Japão e de outros estados que mantêm com a Indonésia boas relações? Porque é que há tanta censura à passagem de informações de Timor-Leste para o exterior, e porque é que as autoridades indonésias pretendem obrigar ou obrigam dezenas ou centenas de jovens a seguir "*cursos especiais*" em aquartelamentos e outros locais não visíveis, para evitar manifestações quando delegações estrangeiras vão ao território (como aconteceu recentemente quando uma delegação parlamentar sueca e outra do Congresso Americano foram a Timor Leste)?. E porque põem microfones e mini-gravadores dentro das camisas dos timorenses presos, quando estes são autorizados a falar com visitantes estrangeiros? Porque é que as poucas notícias que conseguem furar o bloqueio imposto pelas forças de ocupação continuam a falar de prisões sem julgamento e das mais terríveis torturas que muitas vezes conduzem à morte e ao "*desaparecimento*" de tantos e tantos timorenses!

Curiosamente a iniciativa de criar uma Associação de Amizade e uma câmara de Comércio Luso-Indonésia surge em simultâneo com uma série de artigos e até editoriais a propôr uma "*solução*" rápida da questão de Timor-Leste que inclua o reconhecimento da integração. No dizer dos articulistas, a independência é inviável.

Alguns, embora reconhecendo não ter dados sobre o território, presumem que será inviável economicamente. Ignorarão, por certo, que os terrenos de Timor são férteis e que as chuvas abundantes faziam correr lágrimas de alegria a funcionários cabo-verdianos quando eram destacados para lá. O mar é riquissímo em peixes e mariscos. A ilha é bela e tem boas praias que alguns turistas australianos bem apreciavam e que levavam empresas Japonesas a prever investir, em 1975, no

turismo. O seu café e o sândalo eram dos melhores do mundo. E ainda por cima tem no Mar de Timor jazidas de petróleos que são umas das vinte maiores do planeta.

Outros nem se dão ao trabalho de dizer porque consideram inviável a independência.

Tendo caído o Muro de Berlim e terminado a Guerra Fria, caiu por terra também o maior obstáculo - que era de natureza geoestratégica - que se opunha à independência de Timor-Leste. Por isso é que vemos hoje os próprios Estados Unidos a mudar de posição, que já quase se inverteu: - de anterior apoiante, quase incondicional, da anexação, passaram a críticos da mesma. Desde Outubro do ano passado que as pressões americana sobre o governo de Jacarta não têm deixado de crescer. Foi graças a isso que a Comissão dos Direitos Humanos aprovou, finalmente, em 1993, um Resolução a condenar a Indonésia por causa de Timor. E é extremamente significativo que grande parte da primeira conversa que o presidente Clinton teve com o General Suharto tenha sido sobre Timor-Leste!.

A recente aprovação, em Setembro deste ano, na Comissão dos Negócios Estrangeiros do senado, de uma proposta de emenda que condiciona a venda de armas à Indonésia ao respeito pelos Direitos Humanos neste território foi mais um passo no mesmo sentido.

Alguns consideram que as divisões entre timorenses são demasiado grandes e que existe o perigo de nova guerra civil. Por mais que nos custe o espectáculo que a Comunicação Social nos transmite dessas divisões, o que mais espanta é que apesar delas e da guerra civil de 1975 - obviamente instigada e manipulada por generais indonésios- foi possível criar uma Convergência nacionalista única, que sói sobreviver porque tem o apoio de quase toda a população timorense, cujo sentimento nacional se consolidou e que todos os anos se reforça em reacção à própria brutalidade da ocupação.

Finalmente, outros julgam que Timor-Leste é demasiado pequeno. Desconhecerão, provavelmente, que com os seus 18.899Km2 tem um território maior do que mais de cinquenta estados representados na ONU. Esquecerão também que junto à Indonésia há outras nações muito mais pequenas. basta falar de Singapura, que é um estado independente apesar de ter somente 581 Km2 e se situar na ponta sul da Malásia, a escassos quilómetros da Indonésia (Kalimantam ou antigo Bornéu)?

A coincidência dos artigos referidos com as propostas de criação da Câmara do Comércio Luso-Indonésia leva a pensar que Manuel Macedo e Galvão de Melo serão a face visível de um iceberg de pessoas e grupos cujos interesses levaram a pactuar com objectivos políticos ainda dominantes na ditadura indonésia, dispondo-se a entregar Timor e os timorenses a troco de benefícios económicos imediatos...

O objectivo político mais ou menos explícito é tentar forçar o Governo Português a restabelecer as relações diplomáticas com a Indonésia.

Em tempos de crise as tentações são muitas. Mas não se pode abandonar, mais uma vez, os timorenses à sua sorte, entregues nas mãos de um ocupante tão poderoso e brutal. Não se pode trais assim uma relação de séculos com um povo a quem nos ligam laços históricos e culturais profundos, quando, de mais a mais, Portugal, enquanto legítima potência administrante, representa a Comunidade Internacional e a obrigação que esta tem de garantir o direito à autodetenminação do território.

Será que de facto o Governo Americano, a Comunidade Europeia e, de um modo geral, a Comunidade Internacional. ter finalmente acordado para o drama de Timor e de, pela primeira vez desde a invasão, o Governo Indonésio começa a perder terreno, torna tão apressadas em encontrar uma solução (que não questione anexação de Timor-Leste pela Indonésia) pessoas que durante tantos anos não mostraram pressa em parar com o genocídio?.

A evolução recente faz-nos pensar que mesmo a própria ONU, até agora tão pouco eficiente na resolução do problema de Timor-Leste, se poderá tornar eficaz, como foi no caso da anexação do Kuwait pelo Iraque e noutros casos.

Só a vontade dos homens é que poderia inviabilizar a independência de Timor-Leste. mas esta, felizmente, está a mudar, não só na Comunidade Internacional, mas também na própria Indonésia, onde já foram criadas organizações clandestinas para apoio aos timorenses e à própria independência de Timor-Leste!.

talvez seja por estar a perder terreno no plano internacional que o Governo de Jakarta tenta, a todos o custo, minar a resistência timorense e a solidariedade de Portugal, procurando chegar rapidamente a uma solução antes que a autodeterminação se torne completamente inevitável. daí a pressa em arranjar, nos meios empresariais, jornalísticos e políticos, apoios para o restabelecimento das relações diplomáticas. Representando Portugal a própria Comunidade Internacional, por ser a legítima Potência Administrante do Território, esse reconhecimento poderia ser interpretado como uma aceitação da anexação pela própria Comunidade. Não é, pois, ingénua a proposta dos mentores da Câmara de Comércio Luso-Indonésia!...

A Amizade entre os povos de Portugal e da Indonésia deve ser fomentada, mas não à custa dos timorenses, nem à custa do próprio Povo Indonésio, cujo governo, por não ser democraticamente eleito, nem sequer tem legitimidade para o representar.

Uma verdadeira amizade entre Portugal e a Indonésia não pode esquecer que também são Indonésios os que lutam pela democratização da sua pátria e que defendem a autodeterminação e independência de Timor-Leste. Também são indonésios aqueles que nas V Jornadas de Timor da UP deram testemunhos arrepiantes da opressão de que também eles - e não só os timorenes - são vítimas nas mão dos agentes do regime ditatorial e sanguinário que domina o arquipélago indonésio. E também eles querem poder viver livre e dignos, sem massacres, sem prisões arbitrárias, sem torturas e sem o risco de encontrarem um dia à porta de casa a cabeça decapitada de um tio dissidente, como contou o Budi à jornalista que o entrevistou (ver Publico de 21/7/93).

A amizade entre o Povo Português e o Povo Indonésio tem que passar também pela amizade para com os corajosas indonésios que lutam pela liberdade e pela democracia para o seu próprio povo e que apoiam os timorenses, a quem reconhecem plenamente o direito à autodeterminação.

Não confundamos, pois amizade com conluio de interesses. E não confundamos, sobretudo, a amizade entre povos - que se deve sempre fomentar - com a traição ao próprio povo timorense, à responsabilidades de Portugal, à dignidade do povo Português, ao alcance planetário e humanista da gesta dos Descobrimentos e ao sentido da nossa própria História

**A. Barbedo de Magalhãoes**
**Professor Catedrático da Universidade do Porto (UP)**
**Membro do Grupo Paz e Justiça para Timor Leste**
**Coordenador das I, II, III, IV e IV Jornadas de Timor da UP**